

## CRENÇAS DIDÁCTICAS SOBRE A DESCRIÇÃO o caso do grupo nominal

MARIA JÚLIA CORDAS

Há palavras que fazem bater mais depressa o coração – todas as palavras – umas mais do que outras, qualquer mais do que outras. Conforme os lugares e as posições das palavras. Segundo o lado d' onde se ouvem – do lado do Sol ou do lado onde não dá o sol. Cada palavra é um pedaço do universo. Um pedaço que faz falta ao universo. Todas as palavras juntas formam o universo. As palavras querem estar nos seus lugares.

Almada Negreiros

As palavras querem estar nos seus lugares, afirma poeticamente Almada Negreiros. É verdade. Mas como conhecer esses lugares? Como saber os princípios que determinam a sua ocupação e as regras que condicionam os seus comportamentos no seio dos discursos?

A leitura competente, a que respeita a ordem do universo das palavras, para daí extrair os sentidos que encerram, resulta da activação de um conjunto de factores cognitivos e linguísticos, entre os quais os sintácticos assumem grande relevância.

Partindo do pressuposto de que o processo de compreensão na leitura está intimamente relacionado com a sintaxe, a presente comunicação persegue os seguintes objectivos:

- proceder a uma leitura da Nova Terminologia Linguística na perspectiva do utilizador;
- propor modos de operacionalização didáctica de conteúdos do domínio da sintaxe, através de práticas integradoras, orientadas para a construção do conhecimento.

Para tal, foi seleccionado o conteúdo *Constituintes do Grupo Nominal: categorias e funções sintácticas*.

O estudo de uma língua, local privilegiado para o desenvolvimento de atitudes heurísticas, compreende obrigatoriamente a reflexão sobre o seu funcionamento. Quando apoiada em actividades significativas, a reflexão gramatical desenvolve o domínio, consciente e crítico, da linguagem verbal e contribui decisivamente para a consolidação dos esquemas fundamentais da cognição.

O comportamento de leitura, mediador para a ocorrência de novas aprendizagens e factor imprescindível para a formação global dos alunos, aprende-se nas aulas de Língua Portuguesa. A compreensão da língua escrita, actividade predominante nestas aulas, é um processo complexo que envolve, como se referiu, factores cognitivos e linguísticos, nomeadamente do domínio da sintaxe. M. Armada Costa, na sequência de um trabalho em que testou o efeito do conhecimento linguístico dos sujeitos em tarefas de leitura oral para a compreensão, confirma esta ideia ao afirmar: “Um traço dos leitores experientes é a capacidade de reconhecerem automaticamente unidades sintácticas quando procedem ao tratamento do material: há como que uma programação dos mecanismos de recepção que permitem que a codificação se faça por unidades sintácticas” (COSTA, 1992: 102).

Esta asserção traduz, de modo claro, a inevitabilidade de se fazer um processamento sintáctico para a compreensão na leitura, actividade complexa que coloca frequentemente ao aluno problemas de difícil resolução. Dependendo, em grande medida, do recurso consciente às estratégias *de clarificação e de simplificação*<sup>1</sup>, entre as quais a análise proposicional ocupa um lugar importante, a compreensão mantém uma relação directa com os conhecimentos de sintaxe.

Nas aulas devem, pois, ser realizadas tarefas significativas em que a estrutura sintáctica dos enunciados seja manipulada. Através de tarefas desta natureza, é possível adquirir/desenvolver conhecimentos sobre a ordem das palavras, os mecanismos sintácticos, os papéis semânticos, conceitos indispensáveis para a compreensão na leitura e favorecer, assim, o treino não explícito das capacidades de análise sintáctica. Trata-se de tarefas que arrastam, para além do conhecimento linguístico, o desenvolvimento da compreensão na leitura de textos.

### ABORDAGEM DIDÁCTICA

A proposta de abordagem didáctica do texto poético, que a seguir se apresenta, partirá dos pressupostos anteriormente referidos e traçará, em esboço e de forma esquemática, um percurso assente em práticas integradoras e orientado por metodologias activas.<sup>2</sup>

As actividades concebidas para as três fases deste roteiro de procedimentos (preparação para a leitura, leitura e reflexão sobre o funcionamento da língua), centradas em conteúdos do domínio da sintaxe, perseguem os seguintes objectivos:

- o reconhecer em diferentes textos, nomeadamente poéticos, formas de organização descritiva do discurso;
- o reflectir sobre o estatuto e as funções do Grupo Nominal em sequências textuais descritivas;
- o identificar as categorias sintácticas dos constituintes do Grupo Nominal;
- o compreender as relações sintácticas destas unidades no interior do Grupo Nominal.

#### Preparação para a leitura

- o Leitura dos textos – conjunto de sequências textuais de tipo descritivo (cf. anexo I.);
- o Associação dos textos a outros modos de expressão artística, com vista à identificação do ambiente sensorial recriado em cada texto;
- o Identificação dos factores linguísticos e discursivo-textuais que afastam e/ou aproximam os textos lidos, em função de critérios como: tema, tipo de texto, linguagem, classes de palavras, etc;

---

<sup>1</sup> Cit. por COSTA, A., ob. Cit., p.83

<sup>2</sup> “Considera-se essencial que na aula de Língua Portuguesa se mobilizem atitudes de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões; se fomente o desejo de conhecer; se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da língua o gosto de falar, de ler e de escrever.”

- o Construção de um quadro síntese com as informações recolhidas;
- o Inferências sobre os princípios gerais do funcionamento e organização textual do discurso descritivo;
- o Codificação do conceito, a partir da definição apresentada na Terminologia Linguística.

Neste documento, define-se assim o protótipo textual descritivo: “As sequências textuais que actualizam o protótipo textual descritivo são construídas em torno de um dado objecto, acerca do qual se predicam diversos atributos. Os textos descritivos são uma exposição de diversos aspectos que configuram o objecto sobre o qual incide a descrição. Podem constituir objecto de descrição, por exemplo: pessoas e personagens (quer traços físicos, quer atributos psicológicos), espaços (físicos, psicológicos ou sociais), fenómenos atmosféricos e todo o tipo de objectos.

As sequências textuais descritivas surgem frequentemente articuladas com sequências textuais de outros tipos. Por exemplo, em textos narrativos, é frequente surgirem sequências descritivas que permitem caracterizar uma personagem ou um espaço social, por forma a motivar o desenrolar da acção.”

## Leitura

### **Pressupostos**

- o A escolha do poema *Esta é a cidade*, de António Gedeão justifica-se pelo facto de nele se poderem verificar algumas especificidades da descrição frequentemente ignoradas no discurso didáctico, a saber:
  - a pluralidade de operações constitutivas da descrição;
  - a autonomia e a auto-suficiência textual deste tipo discursivo;
  - a descrição como reflexo da subjectividade do descritor;
- o A análise que se propõe desenvolve-se na articulação dos vectores semântico e textual, conferindo especial relevo a factores de natureza linguística, bem como à dimensão enunciativo-pragmática do discurso.<sup>3</sup>

### **Procedimentos**

Dando a conhecer apenas o verso “*Esta é a cidade e é bela*” (anexo II), suscita-se o levantamento de hipóteses sobre a sua possível localização na geografia do poema. Depois de avançadas algumas hipóteses e fornecidos alguns critérios de escuta (áreas lexicais activadas, ambiente evocado, tom dominante, sensações a que se faz recurso ...), procede-se à leitura do texto em voz alta.

Faz-se o confronto entre as expectativas criadas pelo verso isolado e a constatação da sua localização no poema, dando-se lugar à expressão de opiniões pessoais. As interacções verbais com vista à verificação da compreensão global são orientadas, entre outras, pelas seguintes pistas de leitura:

---

<sup>3</sup> “A prática da análise e de reflexão sobre as falas, a escrita e a leitura, deverá permitir a tomada de consciência progressiva da estrutura do funcionamento da língua e conduzir à sistematização oportuna de regularidades observadas (...)”

sentido físico activado para a apreensão da realidade circundante;  
 área lexical predominante;  
 tempo verbal dominante;  
 classes de palavras com maior frequência.

Procedendo a uma leitura orientada do poema, refere-se a índole descritiva do discurso e salienta-se a função estruturadora do eixo semântico representado pelos modos de observação adoptados – “*foco*” (v. 3) / “*aperfeiço a focagem*” (v. 19). Este eixo, bem como a linearidade das ocorrências enumeradas são factores textuais que permitem dividir a descrição em dois momentos distintos, representativos das fases da aproximação à cidade.

A bipartição do texto permite distribuir os elementos descritivos e registá-los num esquema que pode assumir a seguinte forma<sup>4</sup>:

APRESENTAÇÃO DA “TESE”	ESTA É A CIDADE, E É BELA.		
	(MODOS DE VER)	(O QUE O POETA VÊ DA CIDADE)	(COMO O POETA “VÊ” / SENTE A CIDADE)
DESCRIÇÃO	1. Pela ocular da janela foco	o sêmen da rua. Um formigueiro       Cada homem, cada célula	se agita se esgueira freme crepita zigzagueia e flutua. Treme e freme, freme e treme Friorento voo de libélula sobre o charco imundo e estreme Freme como a sede bebe numa avides de garganta, como um cavalo se espanta ou como um ventre concebe. Barco de incógnito leme. É como um tecido orgânico que não seca nem coagula, que a si mesmo se estimula e vai, num medido pânico. Num tumulto permanente que não cansa nem descansa, um rio que no mar se lança em caudalosa corrente.
	2. Aperfeiço a focagem. Olho, imagem por imagem, numa comoção crescente. Enchem-se-me os olhos de água.	Tanto sonho! Tanta mágoa! Tanta coisa! Tanta gente! São automóveis, lambretas, motos, vespas, bicicletas, carros, carrinhos, carretas. É gente, sempre mais gente, gente, gente, gente, gente,  Tanto sonho! Tanta esperança! Tanta mágoa! Tanta gente!	

<sup>4</sup> A participação dos alunos na elaboração progressiva e/ou sectorial deste esquema favorece a adopção de atitudes heurísticas e desenvolve a capacidade crítica, condições *sine qua non* para uma leitura competente.

O poema parece, à primeira vista, uma mera listagem de entidades do mundo físico desfilando no campo visual de um sujeito observador que se limita a enumerar, com objectividade e rigor, tudo o que vai “fotografando”/“filmando”. Para além das formas verbais que descrevem esse processo de observação – “*foco*” (v. 3); “*aperfeiçoo a focagem*” (v. 3); “*olho*” (v. 20), remete-nos ainda para o domínio sensorial da visão grande parte do léxico seleccionado para descrever a cidade. Vejam-se apenas a título de exemplo, as formas verbais que, logo no início do poema, retratam processos e descrevem acções que dão a ver o ambiente cinético da cidade: “*se agita, se esgueira, freme, crepita, ziguezagueia e flutua.*” (v. 4, 5)

O poema começa pela coordenação de dois actos assertivos organizados em torno do verbo copulativo *ser*: “*esta é a cidade e (a cidade) é bela.*” (v. 1). Fiel eco do título, este primeiro verso cumpre a função discursiva de apontar, através do pronome *esta*, para o próprio espaço textual em que a cidade vai acontecer. Com função catafórica, o deíctico *esta* remete assim para o texto, onde predomina um discurso de índole “espectacular” – a cidade será efectivamente exibida, dada a ver a um leitor co-presente no contexto enunciativo: ainda através do mostrativo *esta*, o leitor sente-se efectivamente convocado para partilhar com o enunciador o local de observação em que este se situa.

No entanto, e apesar da aparente enumeração a que o poema parece poder resumir-se, a operação de qualificação que simultaneamente se realiza neste primeiro verso – “*e é bela*”, indícia uma descrição de cariz subjectivo e cria expectativas para a ocorrência de actos ilocutórios expressivos, vocacionados para a manifestação de impressões e de sentimentos.

Instaurada, desde a abertura, a dimensão cénica do espaço textual, convocada a presença do leitor no espaço e no momento da enunciação, proceder-se-á, a partir de agora, a uma observação em directo, isto é, à actualização da cidade no território do poema. A convergência e a simultaneidade de olhares que este deíctico exige, justificam também a opção pelo presente do indicativo, como tempo verbal dominante. Sublinhando o aspecto imperfeito das acções que descreve, o presente do indicativo acrescenta ainda à sugestão de um presente partilhado, a noção de um fluir temporal ininterrupto, no qual as acções se desenvolvem sem início nem limite, como ininterruptamente se sucedem as acções humanas.

O processo de qualificação que se opera ao longo do poema apoia-se numa linguagem objectiva e num tom realista, próprios do género jornalístico da reportagem televisiva, mas denuncia simultaneamente a presença da subjectividade do descritor. Explícita nas formas verbais de primeira pessoa que descrevem os comportamentos do observador – “*foco*”, “*aperfeiçoo a focagem*”, “*olho*”, essa presença é também inequívoca no léxico seleccionado. Quer os lexemas inscritos na área dos sentimentos e das emoções – “*num medido pânico*” (v. 18), “*numa comoção crescente*” (v. 21) quer o uso metafórico de expressões que remetem para o universo de referência dos estados anímicos – “*numa avidez de garganta*” (v. 7), “*friorento voo de libélula*” (v. 11) são recursos que denunciam a inscrição do sujeito no seu enunciado. Para além desta subjectividade denunciada pelas opções lexicais, há ainda uma notação subjectiva explícita na anteposição dos adjectivos aos nomes que qualificam, processo que evidencia a dimensão axiológica da descrição.

Outras marcas do enunciador no discurso prendem-se com as relações que os eixos estruturadores do sentido – a cidade e o olhar – estabelecem entre si. Dir-se-ia existir uma proporcionalidade inversa entre o rigor da focagem e a nitidez dos contornos: no momento em que o observador procura intencionalmente uma focagem mais nítida, parece perder

acuidade visual. De facto, à desejada visão de pormenor, nítida, rigorosa, quase laboratorial – “*cada homem, cada célula*” (v. 14), resultado de uma mera acção mecânica – “*foco*” (v. 3), contrapõe-se a visão global, menos objectiva, menos rigorosa e mais impressionista – “*tanto sonho, tanta mágoa, tanta coisa, tanta gente!*” (v. 23, 24), fruto de uma vontade consciente de se apropriar sensorialmente do real circundante – “*aperfeiçoar a focagem*” (v. 19). Contradição apenas aparente. Se o aperfeiçoar da focagem pode retirar alguma nitidez – “*Enchem-se-me os olhos de água*” (v. 22), é também esta operação, e sobretudo a componente emocional nela plasmada, que permite a visão do essencial: a gente, a mágoa, a deriva – a condição humana, afinal.

No primeiro segmento descritivo, “*o sémen da rua*” (v. 3), identificado com “*um formigueiro*” (v. 4), ocupa, de modo indistinto, o campo de visão do descritor. A metáfora do dinamismo criador e da sua acção por vezes devastadora contida nestes grupos nominais vê o seu sentido objectivado na caracterização operada por verbos que configuram processos – “*treme e freme, freme e treme*” (v. 10), bem como por verbos de movimento – “*se agita, se esgueira, (...) ziguezagueia e flutua*” (v. 4, 5).

A organização em quiasmo das formas verbais “*treme e freme, freme e treme*” (v. 10), para além de evocar o acto criador que a comparação “*como um ventre concebe*” (v. 9) confirma, vem acentuar o efeito semântico de deriva que a forma verbal “*ziguezagueia*” (v. 5) tinha produzido.

Introduzem a segunda fase deste primeiro segmento descritivo os grupos nominais “*cada homem, cada célula*” (v. 14). O indefinido *cada* introduz uma focalização fina, voltada para o pormenor. A quantificação distributiva que este determinante opera amplifica o sentido dos versos subsequentes. No primeiro verso em que se caracteriza “*cada homem*”, a omissão do verbo copulativo evidencia o núcleo semântico da frase – “*barco*” (v. 13), concentrando neste predicador toda a densidade metafórica: o barco, a viagem, a evasão e também a deriva. Ouvem-se ainda ecos da forma “*ziguezagueia*” (v. 5) no atributo “*incógnito*” que, no verso seguinte, se antepõe ao nome “*leme*” (v.13) .

Apesar do desconhecido – “*incógnito leme*”, (v. 13) dos medos – “*num medido pânico*” (v. 18), o homem avança e, numa dinâmica auto-sustentada, cumpre o seu destino: “*vai*” (v. 18). A alteração intencional da estrutura argumental do verbo ir, o seu uso como verbo monovalente, prescindindo de circunstâncias de lugar, denuncia a falta de direcção e de sentido inscritas, afinal, em toda acção humana.

No segundo segmento descritivo, abre-se a cena à manifestação da interioridade do poeta. O esforço de acuidade visual e o conseqüente crescer da emoção parecem privar o descritor da capacidade de qualificar aquilo que “vê”: note-se, no esquema, o lugar vazio na coluna à direita. Uma enumeração, em catadupa, dos objectos percebidos (repare-se na aparente amálgama de nomes justapostos) é tudo o que a comoção lhe permite fazer. Ritmo sincopado, tom exclamativo, extravasar dos estados de alma que condicionam a observação de uma realidade cada vez mais avassaladora. Concorre decisivamente para o adensar do clima emocional o efeito de pluralidade que o indefinido *tanto* produz nos nomes a que se antepõe.

Entre um universo emocional denso – “*Tanto sonho! Tanta mágoa!*” (v. 23) e um cenário físico superlotado – “*Tanta coisa! Tanta gente!*” (v. 24) repetidamente evocados no início e no final deste segmento descritivo, irrompe a referência a meios de transporte que, declinados em variadas formas, fazem ecoar mais uma vez um impulso dinâmico (relembre-se a forma verbal *vai*) que, sem razão aparente, leva o homem à acção.

Amplificando esse eco e activando, pela primeira vez, sensações auditivas, “o *tumulto permanente*” (v. 29) que caracteriza a acção da *gente* da cidade, anuncia também a aproximação do seu fim trágico, da auto-destruição que, afinal, o último verso do poema confirma. Fim tanto mais trágico quanto mais nele se sente a frustração das expectativas criadas pela irrupção súbita de “*tanta esperança!*” (v. 33), sentimento redentor com que quase se concluíra o poema.

O tom decepcionado deste fecho deve, porém, ser relido à luz das expectativas abertas pelo primeiro verso. Porque afinal, mais do que dar a ver fotograficamente uma cidade, o poeta deu-a a sentir, através dos seus próprios sentimentos<sup>5</sup>.

De facto, o verso inicial do poema, pressupondo a refutação do juízo de valor que nele se produz, legitima a expectativa do leitor relativamente a uma tomada de posição por parte do descritor. Essa tomada de posição foi sendo indiciada ao longo do texto e o poema permite parafraseá-la da seguinte forma: esta cidade é bela porque está habitada de humanidade.

Concluída a análise, o aluno deverá ter compreendido que a descrição, contrariamente ao que muitas vezes se ensina, não se limita a ser um tipo de discurso subsidiário nem constitui apenas uma forma de embelezamento, frequentemente sobrelotada de adjectivos, mero *intermezzo* no interior de outros discursos.

Relembrando as ilações que foram sendo extraídas, elabora-se, oralmente, uma breve síntese, com vista à posterior elaboração de um comentário escrito.

O trabalho de síntese será orientado pelos seguintes tópicos:

- o objectividade da linguagem (redução, por vezes, à enumeração);
- o escolha das classes sintácticas, nomeadamente de Grupos Nominais;
- o subjectividade do descritor no discurso;
- o processos de qualificação e intencionalidade (macro-acto ilocutório expressivo)

Pondo em interacção os domínios do Ouvir/Falar e do Ler/Escriver, estas tarefas complementares permitirão sistematizar e consolidar conhecimentos. Por sua vez, o processo redaccional condicionado, se orientado para a resolução de problemas de ordem linguística e textual, para além de promover a reflexão sobre o funcionamento da língua, facilita uma passagem articulada para as actividades subsequentes.

### Reflexão sobre o funcionamento da língua

O conhecimento explícito da língua preconizado pelos programas, para além de promover o desenvolvimento de competências diversificadas no quadro da disciplina de

---

<sup>5</sup> A propósito das práticas pedagógicas que privilegiam o domínio informativo-referencial dos discursos, FONSECA, J. (1988-1989) afirma: “Importa não cair naquela visão redutora ou míope e atentar em que os sistemas de referência, os estados de coisas, são habitualmente qualificados por uma dada orientação argumentativa do discurso em que se contém e são ainda marcados por configurações modais várias, ajustadas ao tipo de comunicação instaurada e ao seu desenvolvimento adequado. Trata-se de dimensões dos discursos atinentes a uma função *interpessoal da linguagem* que se inscreve nas dimensões referenciais-informativas ou a elas se agrega.”

Português, manifesta-se também transversalmente noutras disciplinas curriculares, favorecendo a aquisição de novos conhecimentos e o sucesso nas aprendizagens.<sup>6</sup>

Este conhecimento, pressupondo uma atitude reflexiva por parte dos alunos e reclamando a adopção do método indutivo, exige também a concepção de actividades de aprendizagem significativas e adequadas aos conteúdos gramaticais a ensinar/aprender.

Assim, este momento da aula deve iniciar-se com a explicitação dos saberes declarativos, do domínio da sintaxe, a adquirir/consolidar. No caso vertente, trata-se dos conteúdos programáticos relativos ao GRUPO NOMINAL: O que é? Como é constituído? Que funções desempenham os seus componentes?

As sugestões metodológicas que a seguir se apresentam, inserindo-se embora nos quatro momentos de trabalho em que se desenvolve o estudo da gramática – observação dos factos da língua, manipulação dos factos, compreensão das regularidades e codificação<sup>7</sup> – não representam um percurso a ser seguido de modo sequencial nem na sua globalidade, devendo apenas ser entendidas como um guião possível ou um roteiro tipo.

### FASE 1 – OBSERVAÇÃO

Após a leitura e a análise do poema, procede-se a uma observação metódica do enunciado com vista à distribuição, num quadro síntese, das ocorrências de grupos nominais.

Empiricamente, procede-se a uma categorização dessas ocorrências. Tendo em conta as categorias sintácticas dos diferentes elementos com que o Nome pode ocorrer, os Grupos Nominais são distribuídos num quadro deste tipo:

#### GRUPO NOMINAL

Nome	Especificador + Nome	Especificador + Nome + Adjectivo(s)	Nome + Grupo Preposicional	Especificador + Nome + Grupo Preposicional	Adjectivo + Nome + Grupo Preposicional
Imagem (2)	Um formigueiro	Um tecido	Barco de	O sémén da rua	Friorento voo
Gente (6)	Um cavalo	orgânico	incógnito leme		de libélula
Automóveis	Um ventre	O charco imundo			
Lambretas	Cada homem	e estreme			
Motos	Cada célula				
Vespas	A focagem				
Bicicletas	Os olhos				
Carros	Tanto sonho (2)				
Carrinhos	Tanta mágoa (2)				
Carretas	Tanta coisa				
	Tanta gente (8)				
	Um rio				
	Tanta esperança				

<sup>6</sup> Fundamento esta minha afirmação em DUARTE, Inês (2000: 57, 58) que se refere nos seguintes termos à relação entre o conhecimento da língua e os processos cognitivos em geral: “Do ponto de vista **cognitivo geral**, se a aprendizagem do conhecimento explícito for proposta como uma **actividade de descoberta**, (...)”

Nota: Para evitar que restem dúvidas, poderão ser listadas separadamente, referindo-se no momento oportuno as suas funções sintácticas, as ocorrências do Nome em Grupos Preposicionais: *Pela ocular da janela* | *Numa avides de garganta* | *Num medido pânico* | *Numa comoção crescente* | *Em caudalosa corrente*.

## FASE 2 – MANIPULAÇÃO DOS FACTOS | FASE 3 – COMPREENSÃO

A adopção de atitudes heurísticas e de hábitos reflexivos perante a linguagem, dependendo em grande medida das actividades e tarefas propostas aos alunos, justificam uma concepção cuidadosa dos materiais didácticos, adequados e adaptados à população aprendente. Abrir a sala de aula ao trabalho oficial<sup>8</sup>, favorecendo não só a aquisição de conhecimentos mas também, e sobretudo, o gosto pelo conhecimento é o objectivo das sugestões a seguir apresentadas. Não se tratando aqui de apresentar sequências didácticas estruturadas, algumas das actividades que se sugerem a seguir podem conduzir a trabalhos centrados quer na dimensão frásica (FASE 2) quer dimensão discursiva da língua (FASE 3).

Nesta fase, é fundamental que o professor oriente a pesquisa, de modo a que os factos relevantes sejam assinalados e devidamente analisados, constituindo-se como matéria de referência para a fase posterior de codificação.

Trata-se de exercícios tipo, vocacionados para a articulação do conhecimento com a criatividade<sup>9</sup>. São propostas adoptáveis e adaptáveis, em função das especificidades de cada situação pedagógica.

## TRABALHO OFICIAL – ALGUMAS SUGESTÕES

### 1. Erros criativos

Recuperando alguns Nomes do texto, fornecer uma lista de presumíveis “*lapsus linguae*”:

---

exigindo dos alunos treino de observação e classificação de dados e formulação de generalizações quanto ao comportamento dos mesmos, constituirá uma excelente propedêutica à atitude de rigor na observação e à metodologia científica utilizada para a compreensão do real que caracterizam outras disciplinas curriculares.”

<sup>7</sup> A este propósito, FIGEUIREDO, Olívia (2004) salienta o valor heurístico e formativo das actividades de estruturação, quando inscritas no âmbito de uma pedagogia da gramática integrada nos domínios de conteúdos do Português Língua Materna.

<sup>8</sup> Vem a propósito dar voz ao desafio que G. PINTO (1999: 31) lançou a uma assembleia de professores de Português reunidos em congresso: “Deixai que os aprendentes desafiem / conquistem / construam o espaço da linguagem! Deixai que se sintam atraídos pela linguagem! Deixai-os sentir a resistência da linguagem em inúmeras situações! Deixai-os sentir/descobrir a força da linguagem oral e escrita! Deixai-os sentir que a linguagem é um objecto vivo! Deixai-os questionar o objecto de conhecimento que é a linguagem! Deixai-os ser críticos! Deixai-os brincar com a linguagem! Deixai-os articular palavras difíceis! Deixai-os sentir a musicalidade da linguagem! Deixai-os ouvir contar histórias! Deixai-os ouvir ler! Deixai-os fazer de conta que lêem! Deixai-os ler! Deixai-os dizer/recitar poemas! Deixai-os decorar textos! Deixai-os fazer de conta que escrevem! Deixai-os escrever! Deixai-os VIVER A LINGUAGEM!”

<sup>9</sup> Discorrendo sobre a união da Gramática com a Poesia, nomeadamente sobre “a criação metafórica na linguagem” J. T. NOGUEIRA (2000) afirma: «Porque a metáfora, fermento de criação de mundos possíveis, está inscrita na matriz de todas as línguas. Daí ser possível – e lícito – dizer que se há uma “gramática da poesia”, também há uma “poesia da gramática”. E que uma e outra se encontram lá onde a língua mais profundamente nos toca, ou seja, como raiz e como ponto de fuga, como prisão necessária e como liberdade possível.»

A cidade da borbulha | Um mar enchapelado | Um charco imune | Uma bicicleta de quatro rotas | A corrente cautelosa | A cidade e a formiga, etc...

e propor, a partir desses lapsos, actividades do tipo:

- Encontrar as expressões correctas que estão na base do lapso;
- Analisar os grupos nominais e identificar as classes sintácticas dos seus elementos;
- De acordo com as qualidades apresentadas, fazer a descrição de cada uma das realidades que os nomes referem;

■ Fabricar outros lapsos, recorrendo à imaginação individual. Pode ser dada uma ajuda inicial, para servir de exemplo:

estrela carente | pele e ócio, etc...

52

## 2. Um par insólito – tema e variações

2.1. A partir de um par de nomes cuja junção seja inesperada, por exemplo:

a vespa | o violino

- fazer a expansão do Grupo Nominal em cada elemento do par, sem usar novas palavras:

a vespa do violino | o violino da vespa

- fazer a expansão do Grupo Nominal em cada elemento do par, recorrendo a novas palavras:

a vespa azul do violino | o violino da vespa azul

a vespa do violino azul | o violino azul da vespa

- continuar a expandir o Grupo Nominal em cada elemento do par:

a vespa azul do violino de cristal | o violino de cristal da vespa azul

a vespa de cristal do violino azul | o violino azul da vespa de cristal

2. 2. Construir uma pequena narrativa a partir de um destes pares.

## 3. Objectos/conceitos que é preciso inventar

*Passeadeira* – passeadeira para peões vagarosos.

*Bloco informatório* – bloco introdutório que contém todas as informações.

A partir de exemplos deste tipo, criar novos nomes, fazendo a descrição do objecto a que se referem.

## 4. Pôr os outros a pensar

4.1. Propor a redacção das definições dos termos para a construção de um crucigrama, procedendo a operações de qualificação. O crucigrama concebido será resolvido por outros alunos da turma.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
2		J	A	N	E	L	A				
3	M					E			B		
4	A			C	O	M	B	O	I	O	
5	R					E				C	
6					L		A	V	I	A	O
7	C				A					C	
8	A	U	T	O	M	Ó	V	E	L		C
9	R				B		E		E		I
10	R	I	O		R		S		T		D
11	O				E		P		A		A
12					T		A				D
13			R	U	A						E

#### 4.2. Construir crucigramas por áreas temáticas e /ou lexicais.

Neste trabalho, a elaborar e a resolver por grupos de alunos, deverão constar as definições esperadas.

### 5. Promotores turísticos

Produzir textos (por escrito e/ou oralmente), com o objectivo de atrair turistas para determinadas cidades.

Esta actividade pode ser realizada sob forma de jogo de adivinhas, devendo os ouvintes descobrir a cidade que está a ser descrita.

Podem ser dadas indicações quanto ao tipo de cidades a descrever, através da apresentação de Grupos Nominais, tais como:

Cidade balnear | cidade de montanha | cidade de cultura | cidade satélite, etc...

### 6. Faltam as perguntas

Apresentar respostas a perguntas de gramática sobre o conteúdo em estudo e propor a redacção das perguntas que lhes deram origem.

### 7. Quem está na berlinda?

Os alunos são divididos em grupos.

Cada grupo escolhe um colega da turma para ficar na berlinda e prepara uma lista de características que possam ajudar à sua identificação.

Os outros alunos fazem perguntas, às quais o grupo só responde *sim* ou *não*.

A estrutura das perguntas deverá obedecer a indicações claras de índole gramatical, por exemplo, o Grupo Nominal conterà alternadamente um Modificador do Nome e um Complemento do Nome:

Tem cabelos compridos? | Usa o emblema do clube?

Dá umas gargalhadas estridentes? | Nunca larga o livro de Matemática?

Conta anedotas gastas? | Ignora as raparigas da turma?

Ganha quem descobrir em primeiro lugar, no respeito pelos condicionalismos gramaticais.

### 8. Quem é este (...)?

Outra versão de *Quem está na berlinda?*

Os alunos são divididos em grupos.

Cada grupo escolhe um colega da turma e prepara um pequeno texto para o descrever, comparando-o com uma flor, um instrumento musical, um meio de transporte, etc...

Nos textos deverão empregar modificadores restritivos e apositivos.

Na apresentação oral, toda a turma participa, repetindo, em coro, o modificador apositivo, sempre que o apresentador disser Esta flor | Este instrumento | Este meio de transporte

Exemplo (tomando como ponto de comparação o violino):

APRESENTADOR – Este instrumento é aluno do 9º A \*

Toca sons suaves quando ainda está ensonado mas lá para o fim da manhã, quando

tem uma fome negra, emite sons tão estridentes que, às vezes, assusta. Este instrumento...

TURMA – ...aluno do 9º A...

APRESENTADOR – ...tem uma voz aguda mas não chega a ser uma pessoa irritante porque só diz coisas acertadas. Este instrumento ...

TURMA – ...aluno do 9º A...

APRESENTADOR – ...gosta de trabalhos de grupo mas quando tem de fazer um trabalho solitário, faz sempre um grande brilharete.

ETC...

\* O Grupo Nominal “*Este instrumento*” dá o mote para a entrada do modificador apositivo “*aluno do 9º A*”.

A turma deve descobrir quem é o colega descrito, bem como o instrumento musical com que ele foi comparado.

#### FASE 4 – CODIFICAÇÃO

Relembrando as aprendizagens das fases anteriores, sistematizam-se os conhecimentos e registam-se as definições e as regras.

#### FUNÇÕES INTERNAS A EXPRESSÕES NOMINAIS

COMPLEMENTOS DO NOME = argumentos do Nome, seleccionados por ele

O conteúdo do poema fala de gente infeliz. \_ **G. PREP.**

O temperamento português realça o lado poético da vida. \_ **G. ADJ.**

O desejo de descrever a cidade resultou num belíssimo poema. \_ + **Frase substantiva completiva com infinitivo** (introduzida por preposição)

#### MODIFICADORES DO NOME

##### APOSITIVOS

O autor do poema, homem de ciência, descreve a cidade com rigor. \_ **G.N.**

A janela, aberta sobre a cidade, atrai o olhar do poeta. \_ **G. ADJ.**

Os visitantes, de mochilas às costas, zigzagueiam pela cidade. \_ **G. PREP.**

A janela, que está aberta sobre a cidade, atrai o olhar do poeta. \_ **Frase adjectiva relativa**

##### RESTRITIVOS

As janelas metálicas faiscavam ao sol. \_ **G. ADJ.**

As deslocações de carro são demoradas. \_ **G. PREP.**

A janela que era de alumínio faiscava ao sol. \_ **Frase adjectiva relativa**

#### GRUPO NOMINAL – DEFINIÇÃO / CONSTITUIÇÃO

O Grupo Nominal é um grupo de palavras cujo constituinte principal é um nome, e que funciona como uma unidade sintáctica.

Um grupo nominal pode ser constituído por: **núcleo**; núcleo e seu (s) **complemento(s)**; núcleo e /ou seus **modificadores**; núcleo especificado por **determinantes e/ou quantificadores**.

Como fecho das actividades, faz-se uma leitura final expressiva, individual ou polifónica, ou declama-se o poema.

Nesta actividade agregadora reinvestem-se os conhecimentos declarativos adquiridos no que diz respeito ao Grupo Nominal, nomeadamente a algumas estruturas nominais que não foram objecto de um tratamento sistemático; mobilizam-se estratégias cognitivas adequadas e exercitam-se destrezas requeridas por uma leitura competente; toma-se, sobretudo, consciência de um facto frequentemente ignorado nas práticas escolares: para a compreensão na (e pela) leitura concorrem decisivamente, como inicialmente se afirmou, conhecimentos sobre o funcionamento dos discursos, nomeadamente sobre o processamento sintáctico das unidades linguísticas que os constituem.

Promover nos alunos esta tomada de consciência é um procedimento fundamental na mediação didáctica que visa a formação de leitores autónomos e eficientes.

## BIBLIOGRAFIA

- COSTA, MARIA ARMANDA, 1992 – «Leitura: conhecimento linguístico e compreensão», DELGADO-MARTINS, Maria Raquel e tal. (org.), in *Para a Didáctica do Português – Seis Estudos de Linguística*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 75-117
- CUNBHA, CELSO, e CINTRA, LUÍS F. Lindley 1984 – *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa (1ª edição -1984)
- DUARTE, INÊS 2000 – «Ensino da língua: da repetição de modelos à intervenção educativa cientificamente fundamentada», in *Didáctica da Língua e da Literatura* (vol. I), Coimbra, Almedina, pp. 47-61
- FIGUEIREDO, OLÍVIA, 2004 – *Didáctica do Português Língua Materna – Dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas*, Porto, Edições ASA
- FONSECA, JOAQUIM , 1988-1989 – «Ensino da língua materna como pedagogia dos discursos», in *Diacrítica*, n.º 3-4, Universidade do Minho, pp. 63-77
- MATEUS, MARIA HELENA MIRA, BRITO, ANA MARIA, DUARTE, INÊS SILVA, e FARIA, ISABEL HUB, 2003 – *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina. (1ª edição -1983)
- ME-DGEB, 1991– *Organização Curricular e Programas*, Volume 1, Ensino Básico- 3º Ciclo, Lisboa
- ME-DGIDC, 2001 – *Programas de Português - 10º ano*, Lisboa
- ME-DGIDC, 2002 – *Programas de Português - 11º, 12º anos*, Lisboa
- ME-DGIDC, 2004 – *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*, Lisboa
- NOGUEIRA JÚLIO TABORDA, 2000 – «Sobre o ensino da língua e da literatura ou da união de gramática com poesia», in *Didáctica da Língua e da Literatura* (vol. I), Coimbra, Almedina, pp. 849-854
- PINTO, GRAÇA, 1999 «O professor de português perante os desafios actuais e os problemas da (i)literacia», in *Português, propostas para o futuro*, LISBOA, APP
- VILELA, MÁRIO, 1999 – *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina (1995 - 1ª edição)

## ANEXO I.

## 1.

Era a ilha cercada por um muro de jaspe, de cantaria tão bem lavrada e juntas tão imperceptíveis que parecia de uma só peça. Tinha este muro cinquenta e dois palmos de alto, mas apenas vinte e seis emergiam da água. E era o seu remate grossa e redonda cimalha, sobre que assentava uma grade de metal amarelo, cortada de seis em seis braças por balaústres, em cima dos quais ídolos femininos se mostravam de pé, e com uma bolsa na mão.

Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, Adaptação de Aquilino Ribeiro

## 2.

JUSTO – Justo Matias para o servir, meu rico senhor – tinha casinha de seu: duas águas, telha-vã, com dois quartos e lareira, e alguns bens ao luar. No tempo sobejo, ganhava a jorna.

Aquilino Ribeiro, *Casa do escorpião*

## 3.

Por entre as madeixas caídas para os olhos, via-lhe, no espelho, as pernas esguias, o carão severo de magro, o corpo alto, curvado. Via-lhe os braços compridos, arqueados como duas garras sobre a minha cabeça. Lembrava uma aranha.

Manuel da Fonseca, *Aldeia Nova*

## 4.

Era uma vez uma casa branca nas dunas, voltada para o mar. Tinha uma porta, sete janelas e uma varanda de madeira pintada de verde. Em roda da casa havia um jardim de areia onde cresciam lírios brancos e uma planta que dava flores brancas, amarelas e roxas.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A menina do mar*

## ANEXO II.

Esta é a cidade e é bela.  
Pela ocular da janela  
foco o sêmen da rua.  
Um formigueiro se agita, se esgueira, freme, crepita,  
ziguezagueia e flutua.

Freme como a sede bebe  
numa avidez de garganta,  
como um cavalo se espanta  
ou como um ventre concebe.

Treme e freme, freme e treme,  
Friorento voo de libélula  
sobre o charco imundo e estreme.  
Barco de incógnito leme  
cada homem, cada célula.  
É como um tecido orgânico  
Que não seca nem coagula,  
que a si mesmo se estimula  
e vai, num medido pânico.

Aperfeiçoo a focagem.  
Olho imagem por imagem  
numa comoção crescente.  
Enchem-se-me os olhos de água.  
Tanto sonho! Tanta mágoa!  
Tanta coisa! Tanta gente!  
São automóveis, lambretas,  
motos, vespas, bicicletas,  
carros, carrinhos, carretas,  
e gente, sempre mais gente,  
num tumulto permanente,  
que não cansa em descansa,  
um rio que no mar se lança  
em caudalosa corrente.  
Tanto sonho! Tanta esperança!  
Tanta mágoa! Tanta gente!

António Gedeão, in *Teatro do Mundo*

